

ANDRADE, Mário de. *Balança, Trombeta e Battleship ou o Descobrimento da Alma*. Edição genético-crítica de Telê Ancona Lopez. São Paulo, IEB/Instituto Moreira Salles, 1994.

A importância da edição genética e crítica de *Balança, Trombeta e Battleship ou O Descobrimento da Alma* de Mário de Andrade é inegável. Além do leitor receber de presente um texto inédito de Mário, esse ainda vem acoplado a (alguns) segredos de sua criação. Ao acompanhar a gênese de um conto inacabado ou de uma ficção interrompida, fica-se conhecendo um pouco mais do método de trabalho de um escritor que tinha o hábito de "quando passava a limpo uma primeira versão ir eliminando as folhas vinculadas à fase anterior". Portanto, a própria existência desse material, agora publicado, é uma possível confirmação de que se tratava de um texto que ainda viria a ser trabalhado por Mário: estamos, assim, diante de uma criação em processo. Tudo isso carrega a publicação de um forte poder de atração: pode-se acompanhar, com certa intimidade, as pegadas quase sempre apagadas pelo escritor.

Trata-se de uma edição marcada por duas características: precisão e potencialidade. As opções editoriais tornaram o texto de fácil leitura e de beleza plástica. O leitor é capaz de seguir as seqüências dos gestos de Mário com tranqüilidade, sem perder as marcas da ação da mão do artista. Por outro lado, Telê Ancona Lopez oferece um acompanhamento crítico preciso e esclarecedor. Seus instrumentos para atingir esse resultado foram um aparato genético-crítico, um ensaio de apresentação da edição e as introduções aos diversos momentos do percurso genético do texto. Na construção dessas ferramentas, pode-se perceber um olhar crítico de quem conhece, e muito bem, os meandros criativos. Exatamente por isso, Telê A. Lopez é capaz de estabelecer relações, nítidas e iluminadoras, internas e externas à gênese em questão. Às vezes parece que Mário e Telê se fundem em uma intimidade que só velhos amigos conhecem.

O rigor do trabalho entregue ao público deixa transparecer um projeto editorial claro e bem definido: elemento primordial em estudos dessa natureza.

Para discutir a potencialidade que o material contido em *Balança, Trombeta e Battleship ou O Descobrimento da Alma*, falo, primeiro, em nome de leitores

comuns e depois de críticos genéticos. Os leigos, por causa da clareza já mencionada, podem entregar-se à pura contemplação de uma escritura em progresso – olhos curiosos vêem a mão de Mário de Andrade, cheia de dúvidas, fazendo escolhas e definindo formas.

O crítico genético recebe um objeto pronto para estudo: as primeiras etapas ligadas à organização do dossiê já foram cumpridas. Resta a ele dar continuidade à exploração de caráter interpretativo. Todo crítico genético sabe que é só depois de um período de convivência com o manuscrito que as relações passam a aflorar. Cabe, portanto, ao crítico expor-se às pistas que seu objeto de estudo lhe oferece: o manuscrito é o guia controlador de suas interpretações.

O acompanhamento da gênese de *Balança*, *Trombeta* e *Battleship* feito por Telê A. Lopez já deixa patente uma de suas características: a mobilidade da definição das personagens. Logo no início do processo, Mário de Andrade estabelece o efeito que deseja de seu futuro texto: “Conto de enorme pureza de sentimentos, duma delicadeza extraordinária descrevendo esses três tipos de pickpockets”. O escritor é fiel a esse desejo inicial que passa a ter uma espécie de poder direcionador. As personagens vão sofrendo metamorfoses sempre em direção a uma maior fluidez de contornos. As diferentes formas vão se apresentando a Mário e recebem ou não sua aceitação. Em seu processo de experimentação, hipóteses são testadas e indutivamente surgem os seres imaginários que, ao se relacionarem, cumprirão o efeito buscado. E, assim, vão sendo feitos cortes nos detalhes das definições das personagens.

O crítico genético escuta o diálogo do escritor com ele mesmo e com a obra que está sendo gerada. “Fazer da mulatona um ser misterioso e impressionante, que diz pouquíssimas palavras mas busca olhar tudo, saber tudo o que está se passando entre os 3 jovens, mas impassivelmente, sem nenhuma reação exterior...”, lembra Mário a si mesmo, mostrando o momento em que alguém passa a existir a partir das características que o criador lhe dá – essa é a realidade da ficção em *statu nascendi*.

Ao mesmo tempo em que personagens vão se delineando, as relações de suas ações parece que vão se adequando àquele efeito inicial – a causalidade narrativa vai tomando corpo, aos poucos.

Há a fidelidade ao efeito determinado no primeiro momento da gênese, como também há descobertas, ao longo do processo, que se fixam mais do que outras, como por exemplo o encontro da idéia do “riacho de chuva que lavou a virgindade dos três” que surge no chamado terceiro momento do percurso do texto. Essa descoberta aparece sob diferentes formas mas chega intacta, em sua essência, às últimas versões.

Nunca teremos certeza se foi encontrada, pelo escritor, a forma que alcançaria o efeito buscado. Estamos diante de uma realidade em mutação: a beleza das formas precárias. Isto nos permite falar, sob o ponto de vista do escritor, em uma estética em criação que surge, para o crítico genético, como a estética do movimento criador.

Essas são algumas conclusões que o crítico genético pode tirar sobre o fazer criativo de Mário de Andrade nesse percurso específico; conclusões possíveis a partir da potencialidade interpretativa que o material dessa edição genética-crítica oferece.

Acredito que o objetivo de Antonio Fernando de Franceschi de tomar essa edição “interessante ao leitor comum, sem contudo desconhecer os requisitos do especialista” foi, certamente, atingido.

Cecilia Almeida Salles
Professora de Semiótica da PUC/SP.

BARBOSA, Rui. *O Processo do Capitão Dreyfus (Cartas da Inglaterra)*. São Paulo, Giordano, 1994.

Pensar o *Affaire Dreyfus*, hoje, é um exercício em busca da compreensão das tribulações vividas na virada do século passado na Europa; é também constatar a atualidade de muitas delas no tempo presente.

A reflexão do tema se faz necessária; o mesmo dimensiona contundências tais como o nacionalismo exacerbado, o anti-semitismo, o papel das massas e dos intelectuais, como agentes transformadores, nos acontecimentos históricos.

Trazer de volta texto de Rui Barbosa sobre o rumoroso *Affaire* foi oportuno. A obra teve sua reedição justamente no momento em que se comemorava o centenário da eclosão do caso, 1994, e, secundada pelas colaborações de Alberto Dines e José Alexandre Tavares Guerreiro, se apresenta mais viva e cristalina.

Alberto Dines faz a apresentação do texto, “Dreyfus ou a guerra das manchetes”, na qual discorre inicialmente sobre “tendências em gestação” anteriores a efeméride: “o nacionalismo chovinista” e o “anti-semitismo”, segundo ele, o “combustível” que se fazia presente ao aguardo de uma “fagulha”, representada pelo *Affaire*.

A análise do papel desempenhado pela imprensa no *Affaire* é desenvolvida de forma escorreita; o jornalista aponta no caso marcos na sua história: o jornalismo até então preso à “verticalidade das matérias espremidas em estreitas colunas” dá o salto em direção à “horizontalidade das manchetes e grandes títulos” e a imprensa se lança para a reportagem à procura de “emoções”.

A figura de Rui Barbosa, de quem não esconde admiração, serve inicialmente como pano de fundo para Alberto Dines contrapor a “ótica oficial” da imprensa francesa em sua cobertura inicial do *Affaire* à “acuidade” e “tirocínio profissional” da imprensa inglesa, esta última fomedora das informações de Rui Barbosa sobre os fatos.